

A CITÂNIA DE SANTA LUZIA E O SEU ESPAÇO ENVOLVENTE

JORGE ALEXANDRE VIANA CORREIA

INTRODUÇÃO

A Citânia de Santa Luzia é um dos melhores exemplos de povoados fortificados da Idade do Ferro do Noroeste Peninsular, tanto pela sua dimensão, como pela sua organização urbanística, tipologia de construção e estruturas defensivas. Situa-se no monte sobranceiro à cidade de Viana do Castelo, ocupando um cabeço que se localiza a norte do Templo de Santa Luzia, cuja cota é de 226 metros. A sua ocupação foi sucessiva durante os períodos da Idade do Ferro e da Romanização e a sua posição geoestratégica era excelente, pois permitia vigiar toda a orla marítima e o estuário do Rio Lima.

As ruínas, também conhecidas por «Cidade Velha», são referenciadas já em 1722, quando uma descrição da Citânia foi feita por Pedro de Almeida Couraças (Almeida, 1990). Em 1876, Possidónio da Silva¹ deu início a várias intervenções arqueológicas que culminaram em 1902, quando Albano Belino² pôs a descoberto o conjunto urbanístico e arquitectónico hoje visível. Entre 1935 e 1939 foram realizadas novas intervenções por parte de Tomás Simões Viana³, que tiveram por finalidade a limpeza e aprofundamento das anteriores. Nos anos 70 do século passado, O. da Veiga Ferreira elaborou uma nova planta topográfica e uma sondagem arqueológica, não tendo sido efectuada qualquer publicação dos resultados obtidos. O espólio recolhido, que terá sido guardado na casa do guarda da Citânia desapareceu sem deixar rasto (Almeida, 1990). Outros ilustres arqueólogos e investigadores interessaram-se pelo povoado, dos quais saliento Félix Alves Pereira⁴, J. L. de Vasconcelos⁵ e Abel Viana⁶.

¹ Silva, J. Possidónio da (1877), *Boletim de Architectura e de Archeologia*, 2ª Série, T. II, nº 4: Lisboa;

² Belino, Albano (1902), *A Cidade Velha de Santa Luzia*. Aurora do Lima;

³ Viana, Abel; Oliveira; M. S. (1954), *Cidade Velha, de Santa Luzia (Viana do Castelo)*. Separata do vol. LXIV da "Revista Guimarães": Guimarães;

⁴ Pereira, F. A. (1914), *Habitacões Castrejas do Norte de Portugal*. Viana do Castelo;

⁵ Vasconcelos, J. L. (1903), *Cidade Velha de Santa Luzia*. «O Archeólogo Português», Vol. VIII, Lisboa, Pp. 15-23;

⁶ Viana, A. Oliveira, M. S., *Sobre a Citânia de Santa Luzia (Viana do Castelo – Portugal)*, Separata do

Apenas um terço da área total do povoado primitivo se encontra a descoberto. A construção da Basílica de Santa Luzia, do Hotel e consequentes vias de acesso destruíram a maior parte dos vestígios existentes na altura (Lebre, 2001).

As estruturas habitacionais estão organizadas em bairros ou quarteirões, delimitados por muros divisórios e arruamentos, alguns lajeados. As habitações são predominantemente de planta circular (com ou sem vestíbulo), elípticas e rectangulares. Os pisos eram geralmente térreos, por vezes aproveitando o afloramento granítico, ou de terra argilosa batida ou saibro (Lebre, 2001).

Em termos defensivos, o castro possuía uma tripla muralha reforçada por dois fossos (Almeida, 1990). Actualmente, apenas perdurou uma parte da muralha interior e a cerca de forma oval da acrópole⁷ na parte mais alta do povoado.

Segundo Estrabão⁸ a sua economia seria principalmente dedicada à pastorícia e agricultura, sendo a recollecção de frutos naturais como bolotas e castanhas a base da sua alimentação.

Fabricavam instrumentos, utensílios de trabalho e armas, fundamentais para o trabalho diário e defesa do povoado. Desenvolviam ao mesmo tempo actividades artesanais, nomeadamente a cerâmica, a metalurgia, a fiacção e tecelagem, que completavam o seu quadro económico (Lebre, 2001).

Como quase todos os povoados fortificados conhecidos, a Citânia de Santa Luzia foi também alvo de uma intensa ocupação romana, visíveis na tipologia de algumas habitações de planta rectangular, arruamentos perpendiculares, novos quarteirões (Lebre, 2001) e uma certa tendência para a ortogonalidade (Almeida, 1990).

O espólio encontrado ao longo das intervenções efectuadas revela características da cultura material destes povos assim como da presença romana, traduzidos por objectos de adorno como fíbulas e contas de colar em bronze, alfinetes de toucado também em bronze, fragmentos de ânforas e moedas, uma delas com a efígie de Augusto⁹ coroadado de loiros (Lebre, 2001). A Citânia é Monumento Nacional desde 1926.

III Congresso Arqueológico Nacional, (Galicia, 1953), Zaragoza, 1955

⁷ A acrópole, segundo J. L. de Vasconcelos, seria uma pequena cidadela fortificada. Abel Viana aponta que seria destinada a rebanhos e manadas. Carlos A. Ferreira de Almeida sugere que o recinto terá sido utilizado para reuniões públicas e jogos, não excluindo a hipótese de último reduto (F. de Almeida, 1977: 37)

⁸ Estrabão, em grego, Στράβων (63 a. C. - 24 d. C.) foi um historiador, geógrafo e filósofo de origem grega. A sua obra *Geographia*, em 17 volumes, contém a história e as descrições do mundo conhecido da antiguidade, através de viagens por ele realizadas. Com excepção do Livro VII, a obra chegou completa até nossos dias.

⁹ *Gaius Iulius Caesar Octavianus Augustus* (63 a.C. - 14 d.C.) foi um patrício e sobrinho-neto de Júlio César. Chegou ao poder através do Segundo Triunvirato, em conjunto com Marco António e Lépido. Após o fim da sua relação com estes e da derrota de Marco António na Batalha de Ácio, tornou-se o primeiro imperador de Roma.

ENQUADRAMENTO HISTÓRICO-GEOGRÁFICO

O concelho de Viana do Castelo distribui-se por uma área de 312km² repartidos por 40 freguesias. Metade delas estão entre o Rio Lima e o Rio Âncora, ou seja, constituem a parte norte do concelho. As restantes, na parte sul, localizadas entre os rios Lima e Neiva.

Viana do Castelo é a capital administrativa e cidade desde 1848, por Carta Régia de D. Maria II.

A Norte situa-se o concelho de Caminha, a Nascente o de Ponte do Lima, a Sul os de Esposende e Barcelos e a Oeste a imensidão do Oceano Atlântico.

O elemento mais importante desta região ao longo dos tempos é o Rio Lima, que desemboca no mar através de um imenso estuário apenas sufocado pela restinga do Cabedelo. (Almeida, 2008) Ao longo do seu curso, é alimentado por inúmeros ribeiros e riachos.

O Minho, em termos morfológicos, está inserido na Zona Centro Ibérica (ZCI) do Maciço Hespérico. Em termos litológicos, é constituído na sua maioria por granitóides hercínicos e metassedimentos paleozóicos (Ribeiro et al., 1990). Viana do Castelo é uma terra de contrastes, ocupada por depósitos sedimentares do Quarternário, metassedimentos do Paleozóico e do Câmbrico e por granitos e rochas filonianas do Hercínico. Na serra de Santa Luzia, para além de um imenso afloramento granítico, observa-se também uma mancha de xisto-grauvaquico, situada a Nordeste do Templo de Santa Luzia e a Este do lugar da Abelheira, prolongando-se para Nordeste (Teixeira et al., 1972). Em ambas as margens do Lima podemos observar a planície aluvial, traduzida por veigas, gândaras, zonas alveolares, terraços fluviais e a planície junto à costa marítima (Almeida, 2008).

Chocando com a bacia do Lima do lado Norte, temos a montanha, traduzida, na zona mais próxima da Citânia de Santa Luzia, pela serra com o mesmo nome (549m) e, mais afastada, a Serra de Arga (801m). Na zona costeira, apenas se salienta, entre-os-rios Lima e Âncora, o Promontório de Montedor, situado em Carreço, onde também existia um povoado fortificado, destruído pela construção de habitações.

O clima do concelho é temperado, caracterizado por pluviosidade regular, nevoeiros e diferenças de temperatura não muito acentuadas.

O vale do Lima, a proximidade do Oceano Atlântico e das montanhas favorecem a proliferação de algumas e determinadas culturas. As potencialidades agrícolas e florestais, aliadas à amenidade climática, foram factores determinantes para a fixação de povoados desde a pré-história, que deram o seu cunho pessoal a este ecossistema (Almeida, 2008). A presença humana na região de Viana do Castelo, como já foi

dito, remonta à pré-história. A comprová-lo estão os estudos levados a cabo por eminentes arqueólogos, como Afonso do Paço, Abel Viana e Rui de Serpa Pinto, entre outros, que referiram algumas estações paleolíticas, nomeadamente em Afife, Carreço e Areosa¹⁰. Os vestígios traduzem-se por pesos de rede, *coups-de-poing*, alguns discos de quartzo, raspadores, lâminas, lascas, machadinhas e picos asturienses¹¹.

Os vestígios megalíticos são também em grande número, na forma de mamoa, cistas e menires. As mais emblemáticas são as da Cova da Moura, em Carreço¹² e a Mamoa da Eireira¹³, em Afife. Muitas outras existem espalhadas por várias freguesias, como Alvarães, S. Romão do Neiva, Montaria, Vila de Punhe, Portela Susã, Chafé e Vila Fria (Almeida, 2008).

Os menires, em número de três, espalham-se pelas freguesias de S. Romão do Neiva, Vila Mou e Castelo do Neiva¹⁴.

De referir também os vários núcleos de gravuras rupestres existentes, alguns pré-históricos, outros proto-históricos (Almeida, 2008), espalhados por várias freguesias do concelho. Destes destaco os vários núcleos de Carreço.

A Idade do Bronze é ainda pouco conhecida. Os vestígios existentes traduzem-se por um vaso de bordo horizontal descoberto numa necrópole em Vila Fria, no Monte da Ola.

Pico Asturiense,
Carreço
(GACMVC)



¹⁰ Paço, Afonso (1970), *O Paleolítico do Minho*: Trabalhos de arqueologia de Afonso do Paço (1629-1968), Vol. I, Associação dos Arqueólogos Portugueses: Lisboa;

- Paço, Afonso (1957), *Estação Paleolítica de Perre* (Viana do Castelo): Coimbra;

- Paço, Afonso (1970), *Estação Asturiense de Carreço*, Trabalhos de Arqueologia de Afonso do Paço (1629-1968), Vol. I, Associação dos Arqueólogos Portugueses: Lisboa;

- Paço, Afonso (1971), *Revisão dos Problemas do Paleolítico, Mesolítico e Asturiense*, Trabalhos de Arqueologia de Afonso do Paço (1929-1968), Associação dos Arqueólogos Portugueses Vol. II: Lisboa;

- Pinto, Rui de Serpa (1929), *Nótulas Asturienses*, Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, 4 (2): Porto;

- Viana, Abel (1930), *Estações Paleolíticas do Alto Minho*: Porto

¹¹ Base de Dados Arqueológica GACMVC

¹² Viana, Abel (1953), A Cova da Moura. III Congresso Arqueológico Nacional: Galiza

¹³ Silva, Eduardo Lopes (1988), A Mamoa de Afife: breve síntese de 3 campanhas de escavação. Trabalhos de Antropologia e Etnologia, 28:1, 2: Porto

¹⁴ Base de Dados Arqueológica GACMVC



Mamoá da Eireira,
Aife



Gravuras Rupestres
de Fornelos

Este vaso, em cerâmica, foi alvo de estudo por parte de Ana Bettencourt e António Dinis¹⁵. Foram também descobertos vários conjuntos de Machados de Talão¹⁶, espalhados pelo concelho, desconhecendo-se

Vaso de Bordo
Horizontal do
Monte da Ola, Vila
Fria. (CNNA)



Machado de Talão
(CNNA)

a sua proveniência. Sabe-se apenas que foram estudados por L. Monteagudo¹⁷, sendo actualmente objecto de estudo no âmbito do projecto Enardas¹⁸.

A Idade do Ferro é muito mais conhecida e estudada. Afonso do Paço¹⁹, Rosa Araújo e Leandro Quintas Neves²⁰ foram alguns dos intervenientes que em muito contribuíram para esse conhecimento. As intervenções arqueológicas efectuadas na Citânia de Santa Luzia, no Castro de Roques (o castro abrange as freguesias de Subportela, Vila de Punhe, Mujães e Vila Franca), no Castro de Moldes (Castelo do Neiva) e no Castro do Peso (St.^a Leocádia de Geraz do Lima), entre outras de menor impacto, também contribuíram para esse factor. Essas intervenções foram complementadas com pesquisas bibliográficas, levantamento toponímico e pesquisas de campo (Almeida, 2008).

O período castrejo é sem dúvida aquele que mais interessa para a apresentação deste trabalho. Segundo A. C. F. da Silva (1999), a cultura castreja no Noroeste Peninsular estendeu-se desde o 1º milénio a. C. até meados do século I d. C.

¹⁵ Bettencourt, A. & Dinis, A. (2004), Sondagens Arqueológicas no Monte da Ola, Vila Fria, Viana do Castelo (Norte de Portugal). Revista Portuguesa, Nova Série, Vol. XXV, Porto

¹⁶ Os machados de talão e duplo anel são por vezes denominados do tipo Ibérico ou tipo do Minho (apesar de serem abundantes também na Galiza), pois não existem muitos exemplares fora de Espanha e Portugal. Estes machados, para além de serem utilizados como ferramenta, teriam também (segundo alguns arqueólogos), um carácter ritual, e poderiam mesmo terem sido usados como moeda de troca. (Base de Dados Arqueológica GACMVC)

¹⁷ Monteagudo, L. (1977), Die beileauf der Iberischen Halbinsel. Munchen.

¹⁸ Projecto ENARDAS, "Espaços naturais, arquitecturas, arte rupestre e deposições na pré-história recente da fachada ocidental do centro-norte português: das acções aos significados"

¹⁹ Paço, Afonso; Quesado, A. P. (1956), Digressões Arqueológicas pelo Alto Minho. Arquivo do Alto Minho, 6 (1), Viana do Castelo, Pp 80-179

²⁰ Almeida, C. A. B. (1999), Gerações de Arqueólogos de Viana do Castelo. Cadernos Vianenses. Edição da Câmara Municipal de Viana do Castelo, Tomo 25, Pp. 109-126

Na tentativa de compreender o fenómeno castrejo vários inventários foram realizados, nomeadamente por Armando Coelho Ferreira da Silva²¹, Francisco Queiroga²², Baptista Lopes²³, Tarcísio Maciel²⁴ e Carlos Alberto Brochado de Almeida²⁵.

Actualmente, conhecem-se pelo menos mil povoados fortificados nesta zona geográfica. A forma como se distribuem pelo território dá-nos uma ideia de como as sociedades pré-romanas ocupavam o espaço e também uma perspectiva da evolução demográfica que sofreram. Apesar do afastamento destes povoados do foco da economia de então, o Mediterrâneo, chegou-se à conclusão que esta região constituiu um pólo de atracção, para além de ser um eixo de comunicação.

Os povoados fortificados são geralmente construídos em posições estratégicas, normalmente no cimo de montes e esporões, tentando dominar bacias hidrográficas se estas existissem e de maneira a que fosse possível observar toda a zona circundante, não esquecendo as zonas de aptidão agrícola e com recursos naturais e, também, as vias de acesso, o que nos revela já uma preocupação com o comércio e mobilidade (Silva, 1999).

Criaram uma estratégia em que garantiam a subsistência das populações, a defesa e gestão dos recursos, dominando sistematicamente o território, os mecanismos de produção e o intercâmbio de metais. Surgem assim os sistemas defensivos constituídos por muralha de pedra, talude e fosso. Já existem indícios de construção doméstica em pedra, e não de materiais perecíveis como se pensava. A origem das



Citânia de Santa Luzia. Vista aérea (Foto: DRCN. Autoria: Rui Rufino e Hugo Pires)

²¹ Silva, A. C. F. (1986), *A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal*. Paços de Ferreira

²² Queiroga, Francisco (1992), *War and Castros*. Oxford

²³ Lopes, António Baptista (2002), *Proto-história e Romanização do Baixo Minho*. Tese de Doutoramento (Policopiado), FLUP: Porto

²⁴ Maciel, T. (2003), *O Povoamento Proto-Histórico do Vale do Neiva*. Associação Rio Neiva: Viana do Castelo

²⁵ Almeida, C. A. B. (1990), *Proto-História e Romanização da Bacia inferior do Lima*, CER, Viana do Castelo; Idem (2003), *Povoamento Romano do Litoral Minhoto entre o Cávado e o Minho*. Vila Nova de Cerveira

casas redondas poderá ter um carácter etnográfico, indígena. Segundo Silva (1999), não tem nada a ver com características celtas, como alguns autores pensavam, já que os celtas construíam utilizando alinhamentos ortogonais.

A pedra passou a ser o material utilizado para construir, factor que contribuiu para a durabilidade destes povoados.

Só no concelho de Viana do Castelo existem vestígios de quarenta povoados fortificados²⁶. Apenas alguns foram parcialmente intervenccionados. Outros, como o Castro de Terronha, em Cardielos (em cuja intervenção arqueológica participei), e o Castro do Vieito, em Perre, foram totalmente destruídos pela construção da auto-estrada que liga Viana do Castelo a Ponte do Lima²⁷.

Quanto à Romanização, sabe-se que a primeira incursão militar romana a norte do Rio Douro terá acontecido em 137 a. C., aquando da primeira guerra dos Lusitanos contra Roma, que já haviam conquistado grande parte da Península Ibérica (Almeida, 2008).

Na nossa região, a incursão romana terá sido levada a cabo por Decimus Junius Brutus, por volta de 137 a. C.

Segundo Almeida (2008), baseando-se no historiador romano Tito Lívio²⁸, Brutus terá avançado até à margem do Rio Lima, que era conhecido como o “Rio do Esquecimento”, fronteira natural entre o mundo civilizado e o mundo bárbaro.

Reza a lenda que perante a recusa dos seus soldados em atravessar o rio, pois temiam perder a memória, Brutus²⁹ atravessou-o sozinho e, uma vez do outro lado, começou a chamar os soldados pelos seus nomes. Estes, vendo que ele não havia perdido a memória, atravessaram por sua vez o rio.

Terá sido, portanto, este general o responsável pelo despoletar da posterior romanização da região minhota e da Galiza (a antiga Gálcia romana), ao passar a dominar o território de entre o Douro e o Minho. A conquista total do Noroeste Peninsular, iniciada por Brutus, terminaria com César Augusto no século I d. C.

Os vestígios romanos são abundantes no concelho de Viana do Castelo, documentados pelas aras³⁰ de Darque, Santa Leocádia de Ge-

²⁶ Base de Dados Arqueológica GACMVC

²⁷ “Castro” foi a denominação usada por Júlio César quando mencionava os povoados fortificados da Gália localizados no cimo de montes natural ou artificialmente defensáveis (Almeida, 2008:103)

²⁸ Titus Livius (Pádua, c. 59 a.C. — Pádua, 17), é o autor da obra histórica intitulada “Ab urbe condita” (“Desde a fundação da cidade”), onde tenta relatar a história de Roma desde o momento tradicional da sua fundação (753 a.C.), até ao início do século I da nossa era.

²⁹ Decimus Junius Brutus, também denominado “Galaico” (Callaicus) pelo senado romano em 136 a. C., foi um general e político romano do século II a.C.

³⁰ Pedra em forma de altar para receber inscrição votiva ou funerária. Ou construção de dimensões reduzidas que na antiguidade se destinava ao depósito de oferendas. (Retirado de: Figueiredo, Paulo (2004) Dicionário de Termos Arqueológicos. Prefácio Editora: Lisboa, p. 19)



raz do Lima Vila Mou, Castelo do Neiva, Alvarães e Meadela, ânforas vinárias³¹, fragmentos de Terra Sigillata³² e Lucernas³³, cerâmica importada, tégulas³⁴, tesouros monetários encontrados em Meixedo, Montedor e Afife (onde terá existido uma villa³⁵, no sítio das Baganheiras). As inscrições do lapidarius³⁶ de Afife e da estátua de guerreiro galaico³⁷ de Meixedo, para além dos vestígios de mineração referenciados desde as margens do Lima até ao sopé da Serra de Arga, e os inúmeros achados espalhados por castros, floresta e campos de cultivo comprovam esse facto (Almeida, 2008).

Décimus Június
Brutus junto ao Rio
Lima, tapeçaria de
Almada Negreiros
(1917)
(Pousada de Santa
Luzia, Viana do
Castelo)

³¹ Contentor ou recipiente de grandes dimensões, de origem grega, mas mais utilizada no período romano, caracterizada pela sua forma alongada e fundo cónico. Eram usadas no transporte de longa distância, principalmente para o vinho e o azeite. (Base de Dados Arqueológica GACMVC)

³² Cerâmica fina de mesa, caracterizada pela sua superfície brilhante cor de laranja, vermelho ou vermelho acastanhado. Pode ser lisa ou decorada. O nome deriva de sigillum, a marca do oleiro que a produziu. (Figueiredo, P., 2004:249)

³³ Peça destinada à iluminação, correspondente ao candil da época islâmica. Ou lamparina de azeite, geralmente de material cerâmico, em terracota ou vidrado. (Figueiredo, P., 2004:165) As lucernas são peças quase sempre totalmente decoradas com motivos antropomórficos, zoomórficos, geométricos e florais.

³⁴ Telhas rectangulares de grandes dimensões com rebordos laterais.

³⁵ Casa de campo que incluía a habitação do senhor e estruturas destinadas à exploração da propriedade (Figueiredo, P., 2004:263).

³⁶ Viana, Abel (1955), Um lapidarius de Afife, Viana do Castelo, Portugal. Zaragoza: Seccion de Arqueologia de la Institución Fernando el Católico: Secretaria de los Congresos Nacionales

³⁷ Redentor, Armando (2009), Sobre o significado dos guerreiros lusitano-galaicos: o contributo da epigrafia. Acta Palaeohispanica X, Palaeohispanica 9, Pp. 227-246

São ainda de referir os vestígios de construções (também existentes na Citânia de Santa Luzia), de necrópoles, capitéis e colunas espalhados por várias freguesias do concelho³⁸.

Outro aspecto bastante importante refere-se a duas vias documentadas no Itinerário de Antonino³⁹, a Via XIX (Braga «Bracara» - Tui «Tudae» - Lugo «Lucus» - Astorga «Asturica») que passava em Ponte do Lima (Limia) e a Per Loca Maritima (Braga - Lugo Astorga), esta ultima objecto de muita discussão por parte de vários autores⁴⁰.

A toponímia, ou melhor, a micro-toponímia, pode ajudar a perceber alguns dos itinerários, os quais poderão ser reminiscências de velhos caminhos da rede regional e mesmo das vias principais.

A ENVOLVENTE TURISTICO/ AMBIENTAL DA CITÂNIA DE SANTA LUZIA

A Citânia de Santa Luzia, para além de ser um dos mais emblemáticos monumentos da Cultura Castreja do Noroeste Peninsular, a par das Citânias de Briteiros (Guimarães), Sanfins (Paços de Ferreira) e Santa Tecla (La Guardia, Galiza), que são as que se encontram mais

Vista da foz do Rio
Lima desde Santa
Luzia



³⁸ Base de Dados Arqueológica GACMVC

³⁹ Trata-se de um registo dos pontos de paragem e distâncias ao longo das vias romanas, contendo indicações sobre as direcções a tomar entre povoações. O primeiro levantamento terá sido à época de Júlio César, continuado depois por César Augusto, já durante o período imperial. Supõe-se que a edição original data do início do século III d. C., apesar de a existente ser atribuída ao domínio de Diocleciano, e teria a assinatura, segundo vários especialistas, de Antonino Augusto ou Antonino Caracala.

⁴⁰ <http://viasromanas.planetaclix.pt>, acedido em 19.08.2013

próximas e também musealizadas, é envolvida por toda uma componente turística e paisagística que fazem do Monte de Santa Luzia um dos locais mais procurados de Viana do Castelo. Segundo a National Geographic Magazine, Santa Luzia possui uma das mais belas paisagens do mundo.

Também Abel Viana e Sousa Oliveira o afirmam: “do alto deste monte se divisa, no entender geral de categorizados viajantes, um dos mais formosos panoramas do mundo⁴¹.”



Templo de Santa Luzia

São vários os pontos de interesse do local, o que explica porque é frequentemente visitado por milhares de visitantes todos os anos:

⁴¹ Viana, A.; Oliveira, M. S., Sobre a Citânia de Santa Luzia (Viana do Castelo – Portugal), Separata do III Congresso Arqueológico Nacional, (Galícia, 1953), Zaragoza, 1955

TEMPLO DE SANTA LUZIA

Foi edificado no local de uma antiga ermida dedicada a Santa Águeda, que desde 1712 consagrou o altar a Santa Luzia. O templo do Sagrado Coração de Jesus situa-se no esporão poente da montanha de Santa Luzia, sobranceiro à cidade de Viana do Castelo e é sem dúvida um dos monumentos mais conhecidos e emblemáticos do país. A arquitectura revivalista do templo associa harmoniosamente elementos neo-românticos, neo-bizantinos e neo-góticos, da autoria do arquitecto alto-minhoto Miguel Ventura Terra (1866 - 1919), cuja direcção artística esteve a cabo de Miguel Nogueira. Embora o projecto date de 1898, a obra só foi iniciada nos primeiros anos do século XX, tendo sido o templo aberto ao culto em 1926, já depois da morte do seu autor, e concluído em 1943.⁴²

Aí podemos encontrar peças em talha, imagens e azulejos, pedras de um arco de 1694; capitéis e instrumentos usados na construção do actual Templo. O núcleo localiza-se numa sala na parte inferior do templo, junto à secretaria. Possui ainda uma galeria com pinturas a óleo de muitos dos benfeitores do Templo.

POUSADA DE SANTA LUZIA

Situada sobre o Monte de Santa Luzia, ao lado da Citânia de Santa Luzia (a piscina da Pousada encosta na vedação do castro), a Pousada goza também do magnífico panorama sobre o rio Lima, a cidade e o Oceano Atlântico.

Em 1903, Domingos José Moais (que fez fortuna no Brasil) deu início à construção do hotel e ofereceu-o à cidade. Foi inaugurado em 1918 e faz parte da Rede de Pousadas de Portugal desde 1979. O seu nome inicial era Hotel de Santa Luzia, mas após a remodelação passou a denominar-se Pousada do Monte de Santa Luzia, com o estatuto de 5 estrelas.

Possui jardins e matas envolventes, piscina, 48 quartos, 2 quartos de luxo e uma suíte, campo de ténis e parque infantil.



Pousada de Santa Luzia

⁴² Fernandes, F. J. C. (1999), Tesouros de Viana – Roteiro Monumental e Artístico, Edição do GDC-TENVC: Viana do Castelo, p. 144

MIRADOUROS

Existem vários miradouros naturais no Monte de Santa Luzia. A vista que se alcança de qualquer um deles é majestosa e abrange todos os pontos cardeais.



Vista sobre o Rio
Lima

PARQUE FLORESTAL

Junto à Carreira de Tiro Militar, a pouca distância da Citânia de Santa Luzia, situa-se o parque florestal, local muito frequentado aos fins-de-semana devido à sua beleza, sombra e possibilidade de realizar piqueniques. Possui mesas e fogareiros para esse efeito.



Parque Florestal

TRILHOS PEDESTRES E DE BTT

A possibilidade de percorrer trilhos pedestres é outra das componentes do Monte de Santa Luzia.

Os percursos pedestres possibilitam enquadrar, neste caso a Cidadania de Santa Luzia no seu meio ambiente, ligando o espaço museológico à história e etnografia do Monte de Santa Luzia.

Aqueduto do Fincão, Areosa⁴³

Pormenor do Trilho dos Canos de Água, onde se pode observar a conduta em granito



Para além destas componentes, permite explicar aos eventuais pedestrianistas a realidade natural contemporânea ao povoado, comparando-a com os dias de hoje. Para Oliveira (2007), as caminhadas ou pedestrianismo têm por finalidade percorrer um caminho desfrutando da natureza e do meio envolvente que o rodeia, procurando um contacto íntimo com o património cultural e ambiental. Nos últimos anos, várias associações ligadas aos desportos de montanha, definiram vários percursos pedestres juntamente com os municípios, tanto a Norte como a Sul do país, o que contribuiu, apesar de lentamente, para a geração de vários núcleos pedestres, núcleos estes que se vão transformar em meios de conhecimento geográfico, geológico e histórico, promovendo o património histórico, etnográfico e ambiental, constituindo mesmo ferramentas bastante vantajosas para a conservação do património.

Salienta-se aqui o Trilho dos Canos de Água (PR9), pelo seu interesse histórico e paisagístico e porque permite acompanhar as várias épocas de presença humana neste local. Ao mesmo tempo, toda a serra

⁴³ Este aqueduto, que faz parte do Trilho dos Canos de Água, conduzia água para o Convento das Ursulinas a para o antigo chafariz do Largo de São Domingos.

possui actualmente inúmeros trilhos marcados para a prática de BTT, mas que também podem ser calcorreados por pedestrianistas.

FLORA E FAUNA⁴⁴

Tivessem os antigos habitantes do castro a possibilidade de observar o Monte de Santa Luzia na actualidade, que certamente achariam a mancha florestal muito estranha

A mancha florestal de Santa Luzia compreende sobretudo o Pinheiro bravo (*Pinus pinaster*), o eucalipto (*Eucalyptus globulus*), as Austrálias (*Acacia melanoxylon*) e as Mimosas (*Acacia dealbata*), estas últimas oriundas da Austrália, portanto introduzidas muitos séculos após o fim da cultura castreja. A época castreja compreenderia sobretudo espécies autóctones: O Carvalho (*Quercus robur*), o Sobreiro (*Quercus suber*), o Salgueiro (*Salix atrocineria*), o Freixo (*Fraxinus excelsior*), o Loureiro (*Laurus nobilis*), o Sabugueiro (*Sambucus nigra*)⁴⁵ e o Medronheiro (*Arbutus unedo*) eram espécies bastante comuns, marcando em termos toponímicos alguns lugares do concelho. Registamos também a presença de Castanheiros (*Castanea sativa*) e Azevinho (*Ilex aquifolium*). Muitas delas ainda são visíveis hoje em dia, mas muito pontualmente.

Quanto às espécies subarborescentes, registamos a presença da urtiga (*Urtica dioica*), dos umbigos de Vénus (*Umbilicus rupestris*), este geralmente nas paredes dos muros, do tojo arnal (*Ulex europaeus*), do carrasco (*Quercus coccifera*), do fetó (*Cynodon dactylon*), da giesta (*Sorothamnus scoparius*), das silvas (*Rubus* spp), dos crocos (flores que surgem normalmente no fim do Verão), do trovisco (*Laureola gnidium*) e dos juncos (*Juncus maritimus*). Também registamos imensas espécies de cogumelos, como os amavitas e morchelas.

Em termos de fauna subsiste ainda o coelho bravo, lebres, o texugo, a raposa, o javali, o garrano, o ouriço-cacheiro, o esquilo e a doninha. Quanto à avifauna, a lista é interminável. Nas nossas deambulações detectamos a presença de tentilhões, gaios, pegas, bítios (águia de asa redonda), melros, pombo torcaz, rola brava, pardais, piscos, pica-pau, cuco canoro e perdizes, mas com certeza muitos outros haverá.

⁴⁴ Este estudo foi efectuado na companhia de Pedro Correia (*Quercus* – Núcleo de Viana do Castelo), que gentilmente me cedeu as informações aqui descritas.

⁴⁵ A utilização do Sabugueiro para fins medicinais, culinários e cosméticos era já conhecida dos povos pré-históricos, sendo muito disseminada pelos gregos e romanos. Os romanos utilizavam as suas bagas para fazer vinho.



Para terminar, resta referir os répteis. Foram detectados escansos, cobras de água e rateira, salamandras, lagartixa comum, sapo comum, rá verde e tritões nos charcos.



FUNICULAR

O funicular ou elevador de Santa Luzia estabelece a ligação entre a cidade e o monte. Foi inaugurado pela primeira vez em 1923, tendo sofrido inúmeras paragens nos últimos tempos. Foi alvo de obras de restauro em meados da corrente década, estando agora totalmente operacional. Ao longo da viagem, desfruta-se de uma magnífica vista sobre a cidade.

ALDEIA DE SÃO MAMEDE

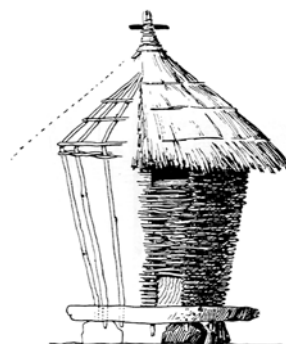
Aldeia rural, onde estão referenciados vários vestígios de estruturas medievais e um conjunto de gravuras rupestres (Espirais). Situa-se

no meio do Monte de Santa Luzia. Para além da Aldeia Velha⁴⁶, pode-se ainda desfrutar de uma magnífica paisagem, acompanhada por ri-beiros e enormes carvalhos e ainda descansar no relvado que fica em frente à Capela de São Mamede, visitado muitas vezes por grupos de garranos em busca da preciosa relva. A Festa do Mel é um dos atractivos desta aldeia e realiza-se no mês de Agosto, com caminhadas, gastronomia, folclore, concertos, corrida de garranos⁴⁷. O local elegido para as actividades fica junto da pequena capela já mencionada.



Aspecto da "Aldeia Velha"

Aspecto da base do "Canastro"⁴⁸



Canastro de Varas, este da freguesia de Outeiro, em Viana do Castelo. Ilustração de Fernando Galhano (1994)

⁴⁶ Neste local, onde a tradição refere ter existido um templo cristão, encontram-se, com relativa abundância, fragmentos de cerâmica datáveis do período tardo-romano e alti-medieval (Base de Dados Arqueológica GACMVC)

⁴⁷ Raça de cavalo nativa do Norte de Portugal, utilizada desde há muitos séculos como animal de carga e trabalho. Habita em estado semi-selvagem a serra de Santa Luzia. Esteve em vias de extinção. Tem cor castanha, crinas e rabada de cor preta, e não ultrapassa 1,35 m. Além de animal de tiro também tem aptidão para sela. É utilizado numa corrida de cavalos muito popular em Trás-os-Montes e Minho. Trata-se da corrida em passo travado, ou apenas travado. Revela uma aptidão fora do vulgar para a aprendizagem e execução deste tipo de andamento.

⁴⁸ "De facto, os paus não enterram no solo, como no Barroso e Aboim, nem assentam numa grade de madeira, como no Soajo e Oural, nem pousam sobre uma mesa de pedra, como em Pedraído: espetam, saindo de modo a ficar à vista por baixo, em furos dispostos em círculo, vazados de lado a lado em toscas mesas de pedra, um pouco elevadas do solo sobre calhaus baixos, sem qualquer afeiçoamento. Para se lançarem as espigas deixa-se, num sector entre dois paus, na parte superior do teçume, um espaço formando janelo, que se tapa em seguida com um molho de palha milha, ao jeito de uma rolha. A descarga faz-se por um postigo rente à base, que se fecha com uma tábua, como no Soajo, e que dá para a eira. Os paus são de carvalho, e o varedo de Salgueiro; para a capucha, emprega-se a palha-milha, recoberta por uma camada exterior de colmo" - Oliveira, E; Galhano, F., Pereira, B. (1994), *Construções Primitivas em Portugal*, Portugal de Perto: Publicações Dom Quixote, Lisboa

ESPÓLIO

Terminarei com uma pequena referência ao espólio, que é bastante variado e foi recolhido ao longo de várias intervenções arqueológicas, que tiveram início no século XIX. Os registos arqueológicos de então, assim como os registos arqueológicos dos inícios e meados do século XX, não eram precisos ou rigorosos como nos nossos dias, pelo que muita informação relativa ao espólio se perdeu. Parte do espólio encontra-se exposto na Casa dos Nichos e no acervo do Gabinete de Arqueologia da Câmara Municipal de Viana do Castelo, do qual darei alguns exemplos.

a) Fíbula (CNNA)

Tipologia: Tipo Aucissa 17B e 17C (Almeida, 1990)

O início da idade do bronze na Península Ibérica (cerca de 1800 a.C.), constituiu um importante marco para a evolução tecnológica, produção e comercialização de ornamentos metálicos. Surgem então as fíbulas, que tinham uma função utilitária, mas que também eram utilizadas como moeda de troca, peso, como insígnia militar, e mesmo como ex-voto religioso.



As fíbulas permitem-nos identificar cronologicamente e culturalmente as sociedades de outrora, devido à sua enorme diversidade.⁴⁹

b) Cossoiro (CNNA)



Os cossoiros (verticili ou fusaiolas), eram pequenos discos lisos ou com decoração, existindo vários tipos ou formas. Eram na sua generalidade em argila (apesar de alguns exemplos em pedra), possuindo um orifício central. Colocavam-se na parte inferior do fuso, servindo de remate, dando assim o equilíbrio necessário (porque serviam de volante), o que mantinha e prolongava o movimento rotativo gerado pela mão da fiandeira.⁵⁰

⁴⁹ Silva, A. C. F. (1986), *A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal*. Paços de Ferreira

⁵⁰ Silva, A. C. F. (1986), *A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal*. Paços de Ferreira

c) **Pote (CNNA)**



Pote de formato ovóide, datável da Idade do Ferro e com fundo plano, bojo liso, colo curto e bordo extrovertido. Apresenta várias fracturas ao nível do bordo e do bojo.⁵¹

d) **Fragmento de dolium romano. Apresenta suposta marca de oleiro com três círculos concêntricos (CNNA).**

Um dólium é um contentor cerâmico, de forma geralmente ovalada e de grandes dimensões, que era utilizado (pelos romanos e povos romanizados) para armazenar alimentos, vinho ou azeite.

A inscrição (três círculos) é a marca do oleiro que a manufacturou.⁵²



e) **Moinho composto por uma mó dormente sobre a qual assenta uma mó movente com superfície rebaixada (CNNA)**



“A generalização das mós rotativas, que terão sido introduzidas, (...), durante a fase IIB e que eram constituídas por uma parte dormente, servindo de base, e outra giratória, que se sobrepunha, tendo a mó rotativa uma abertura central para introduzir o grão, manifestando variantes morfológicas de pormenor perviventes na romanização”
(Silva, 1986)

⁵¹ Silva, A. C. F. (1986). *A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal*. Paços de Ferreira

⁵² Silva, A. C. F. (1986). *A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal*. Paços de Ferreira

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em conclusão, direi apenas que Santa Luzia é uma das mecas turísticas e arqueológicas do Alto-Minho, usufruindo dos recursos que possuí, dinamizando a componente patrimonial, arqueológica e ambiental em termos de aproveitamento turístico e pedagógico, tanto com as escolas do conselho como mesmo fora deste, criando interação entre os programas escolares e o nosso passado, para assim introduzir nos jovens aquilo a que chamamos identidade cultural.

Uma ida a um espaço museológico pode ser uma experiência global. Combina o património cultural, social e emotivo de cada um com o que este tem para lhes oferecer.

De um modo geral, um espaço museológico é um local onde coexistem teorias ou ideias relativas ao património e educação patrimonial, proporcionando experiências direccionadas para a divulgação, dinamização, experimentação e preservação do património cultural, neste caso de teor arqueológico, histórico e ambiental.

A grande força de uma experiência nestes locais reside, não na eficácia em transmitir grandes conteúdos, mas sim na capacidade de gerar entusiasmo e interesse em aprender as várias ciências e aspectos culturais da humanidade. A percepção ajuda-nos a estabelecer parâmetros acerca das reacções de cada individuo ou de uma sociedade em relação ao que captaram, qual o seu entusiasmo e o conhecimento que adquiriram em relação ao que foi dito e exposto.

Pretende-se que seja uma ferramenta para as escolas e para as comunidades, levando-as a uma proximidade e contacto com o património arqueológico, histórico, ambiental e turístico, promovendo e dinamizando o conhecimento, aproximando os públicos daquilo que tem para mostrar e contar, criando relações entre estes e quem os visita. Aos mais jovens transmite, de uma forma lúdica e divertida, uma herança cultural que seja plena de descobertas, ideias e criações.

ÍNDICE DE ABREVIATURAS

DRCN – Direção Regional de Cultura do Norte
CNNA – Casa dos Nichos/ Núcleo de Arqueologia
CMVC – Câmara Municipal de Viana do Castelo
GACMVC – Gabinete de Arqueologia da Câmara Municipal de Viana do Castelo

BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, C. A. B. (1990), Proto-História e Romanização da Bacia inferior do Lima, CER, Viana do Castelo.

ALMEIDA, C. A. B. (2003), Povoamento Romano do Litoral Minhoto entre o Cávado e o Minho. Vila Nova de Cerveira

ALMEIDA, C. A. B. (1999), Gerações de Arqueólogos de Viana do Castelo. Cadernos Vianenses. Edição da Câmara Municipal de Viana do Castelo, Tomo 25, Pp. 109-126

ALMEIDA, C. A. F. (1997), Escavações no Monte Mozinho II, Penafiel.

Base de Dados Arqueológica GACMVC

BELINO, Albano (1902), A Cidade Velha de Santa Luzia. Aurora do Lima.

BETTENCOURT, A. & Dinis, A. (2004), Sondagens Arqueológicas no Monte da Ola, Vila Fria, Viana do Castelo (Norte de Portugal). Revista Portugalia, Nova Série, Vol. XXV, Porto

FERNANDES, F. J. C. (1999), Tesouros de Viana – Roteiro Monumental e Artístico, Edição do GDCTENVC: Viana do Castelo

FIGUEIREDO, Paulo (2004) Dicionário de Termos Arqueológicos. Prefácio Editora: Lisboa

HORTA, Maria de Lurdes et al (1999), Guia Básico de Educação Patrimonial, Instituto do Património Histórico e Artístico Nacional, Museu Imperial: Brasília.

LEBRE, Anabela (2001), Citânia de Santa Luzia. Guia Português: Instituto Português do Património Arquitectónico.

LOPES, António Baptista (2002), Proto-história e Romanização do Baixo Minho. Tese de Doutoramento (Policopiado), FLUP: Porto

MACIEL, T. (2003), O Povoamento Proto-Histórico do Vale do Neiva. Associação Rio Neiva: Viana do Castelo

MONTEAGUDO, L. (1977), Die beileauf der Iberischen Halbinsel. Munchen.

OLIVEIRA, Emanuel (2007), Cadernos Técnicos de Percursos Pedestres, Vila Nova de Cerveira: Clube Celtas do Minho, Escola de Desportos de Montanha.

OLIVEIRA, E; Galhano, F., Pereira, B. (1994), Construções Primitivas em Portugal, Portugal de Perto: Publicações Dom Quixote, Lisboa

PAÇO, Afonso (1970), O Paleolítico do Minho: Trabalhos de arqueologia de Afonso do Paço (1629-1968), Vol. I, Associação dos Arqueólogos Portugueses: Lisboa;

PAÇO, Afonso (1957), Estação Paleolítica de Perre (Viana do Castelo): Coimbra;

PAÇO, Afonso (1970), Estação Asturiense de Carreço, Trabalhos de Arqueologia de Afonso do Paço (1629-1968), Vol. I, Associação dos Arqueólogos Portugueses: Lisboa;

PAÇO, Afonso (1971), Revisão dos Problemas do Paleolítico, Mesolítico e Asturiense, Trabalhos de Arqueologia de Afonso do Paço (1929-1968), Associação dos Arqueólogos Portugueses, Vol. II: Lisboa;

PAÇO, Afonso; Quesado, A. P. (1956), Digressões Arqueológicas pelo Alto Minho. Arquivo do Alto Minho, 6 (1), Viana do Castelo, Pp 80-179

PEIXOTO, António Maranhão (2007), Serviços Municipalizados de Viana do Castelo, SMSBVC, Viana do Castelo (no prelo);

PEREIRA, F. A. (1914), Habitações Castrejas do Norte de Portugal. Viana do Castelo

PINTO, Rui de Serpa (1929), Nótulas Asturienses, Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, 4 (2): Porto

QUEIROGA, Francisco (1992), War and Castros. Oxford

REDENTOR, Armando (2009), Sobre o significado dos guerreiros lusitano-galaicos: o contributo da epigrafia. Acta Palaeohispanica X, Palaeohispanica 9, Pp. 227-246

- RIBEIRO, A., Quesada, C. and Dallmeyer, R. (1990), Geodynamic evolution of the Iberian Massif. In "R. D. Dallmeyer, and E. Martínez García. Edts: Pre - Mesozoic Geology of Iberia, 399 - 410. Springer - Verlag.
- SILVA, A. C. F. (1986), A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal. Paços de Ferreira
- SILVA, A. C. F. (1999), A Cultura Castreja no Norte de Portugal, Revista de Guimarães, Volume Especial, I, Guimarães, Pp. 111-132.
- SILVA, Eduardo Lopes (1988), A Mamoa de Afife: breve síntese de 3 campanhas de escavação. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, 28:1, 2: Porto
- SILVA, J. Possidónio da (1877), Boletim de Architectura e de Archeologia, 2ª Série, T. II, nº 4: Lisboa
- TEIXEIRA, C. (1972), Carta Geológica de Portugal. Esc. 1:500000. 4ª Edição da Direção-Geral de Minas e Serviços Geológicos: Lisboa.
- VASCONCELOS, J. L. (1903), Cidade Velha de Santa Luzia. «O Archeólogo Português», Vol. VIII, Lisboa, Pp. 15-23
- VIANA, Abel (1930), Estações Paleolíticas do Alto Minho: Porto
- VIANA, Abel (1953), A Cova da Moura. III Congresso Arqueológico Nacional: Galiza
- VIANA, Abel; Oliveira, M. S. (1954), Cidade Velha, de Santa Luzia (Viana do Castelo). Separata do vol. LXIV da "Revista Guimarães": Guimarães
- VIANA, A.; Oliveira, M. S., Sobre a Citânia de Santa Luzia (Viana do Castelo – Portugal), Separata do III Congresso Arqueológico Nacional, (Galicia, 1953), Zaragoza, 1955
- VIANA, Abel (1955), Um lapidarius de Afife, Viana do Castelo, Portugal. Zaragoza: Seccion de Arqueologia de la Institución Fernando el Católico: Secretaria de los Congresos Nacionales.